



José Cardoso Pires

Pulp fiction

"Aposto que num lugar como este não encontras grandes heróis." —

Quentin Tarantino

ACONTEÇA O QUE acontecer, para mim o domingo mais sinistro deste Inverno foi aquele em que um engraçadinho todo perverso declarou na televisão que alguém da mais respeitável intimidade do nosso primeiro-ministro lhe confessara esta coisa singular:

— Rapaz, se eu não conhecesse tão bem a tua família até diria que tinhas uma costela do Salazar.

Embora não passasse duma anedota estúpida do concurso "Só Riso", aquilo pôs-me a bater o queixo de medo. O quê, o nosso Primeiro Cavaco atravessado de dinossauro dos Montes Hermínios? Jesus, o que ia ser de nós. E a PIDE — perdão, a SIS — onde estava ela, a SIS? Escondida no auscultador do telefone? Disfarçada de canário na saleta da vizinha? Desesperado, enfiei-me na cama até aos olhos e fiquei a navegar em suores de pesadelo.

Via-me num prado de malmequeres com microfones da PIDE — da SIS, quero eu dizer — a fingirem de corolas inocentes, e nesse oásis florido passeavam-se muitos cidadãos corruptos e deputados agradecidos a começar pelo clã familiar da ministra louva-a-deus e os seus amigos hospitalares. Em amén, amén, todos acompanhavam com "Transparência!, Transparência!" a ladainha de glórias que escorria lá das alturas pela voz do Chefe Providencial.

De manhã, ao abrir o jornal, outra vez os brados de transparência, transparência, o delírio do país no zénite da Europa, vida barata, ensino exemplar e o muito mais que nos faz invejadíssimos, como se sabe. Afinal, o discurso da modernidade segundo o elogio da mentira

Quando voltei ao mundo, encontrei Portugal em orfandade anunciada. O Nosso Primeiro, insatisfeito com a sua ditadura parlamentar, antes que caísse da cadeira abaixo, tinha mas era deixado o campo aberto aos delfins, e eles que se arranjassem. E os delfins arranjarão-se logo, mortos por isso estavam eles.

salazarenta "em política o que parece é".

Foi num país assim que Deus me levou deste mundo num abrir e fechar de olhos.

Verdade. Num repente e à má-fila, uma gota de sangue desvairado bloqueou-me os labirintos do cérebro e deixou-me vazio de alma, sem memória e, logo, incapaz de escrita ou de leitura. Sem comunicação, quer isto dizer. Alguém que desconhecia o nome e já não tinha passado. Um morto, portanto.

MORTO, MORTO ambulante, apareci no Hospital de Santa Maria onde outras sombras de excomungados pelas maldições vasculares cerebrais aguardavam a hora da ressurreição. E o milagre acontecia com a precisão deslumbrante das revelações científicas. Debruçados sobre os corpos à deriva, os neurologistas, esses decifradores do cérebro, restituíam-nos à vida. Penetravam nessa massa misteriosa que comanda o homem desde o gesto ao pensamento, à imaginação e ao sobrenatural; e redescobrimo nela a memória desaparecida, dotavam-no de passado e de identidade; de discurso, de comunicação.

Comunicação: pois. É aí que a Política se proclama transparente e nos humilha a cada passo com os fumos mais estúpidos da mentira.

QUANDO VOLTEI ao mundo, encontrei Portugal em orfandade anunciada. O Nosso Primeiro, insatisfeito com a sua ditadura parlamentar, antes que caísse da cadeira abaixo, tinha mas era deixado o campo aberto aos delfins, e eles que se arranjassem. E os delfins arranjarão-se logo, mortos por isso estavam eles. Com mais vírgula, menos vírgula, desataram a namorar os cidadãos na linguagem do bom senso e do bom sonso, e nisso lembravam aquele benfeitor do "Pulp Fiction" que recitava o Evangelho de S. Mateus com a metralhadora engatilhada. Tal como esse e os outros "motherfuckers" da sociedade "Pulp", os delfins do cavaquismo praticavam um discurso obstinado e repetitivo, mas disparando promessas de transparência numa fumarada de compromissos.

Mas já que falamos de morte e comunicação, glória ao imperador Todo Bom, delegado-chefe do Partido, comandante supremo do teleterrorismo que domina o país com a protecção do Partido e a bandeira da Telecom. Tecnocrata das cobranças envenenadas, foi ele que fez de cada cidadão uma vítima indefesa do telefone, alguém que com a voz no bocal se sente abafado num esvoaçar de recibos chamejantes.

Sim, mas é triste a agonia festiva da ditadura parlamentar. A pátria em orfandade anunciada. Delfins à disputa do trono, mas a repetirem-se uns aos outros. O santuário de sempre, o "requiem" protocolar ao Timoneiro do passado, as orações do costume. Alguém parece-me ouvir um suspiro de desalento:

— Não. Num lugar como este não encontras grandes heróis.

Numa "pulp fiction" como esta, queria dizer esse alguém, perdido naquele folhetim. ●